



'O QUE CONTA É A FORÇA DOS PROFESSORES'

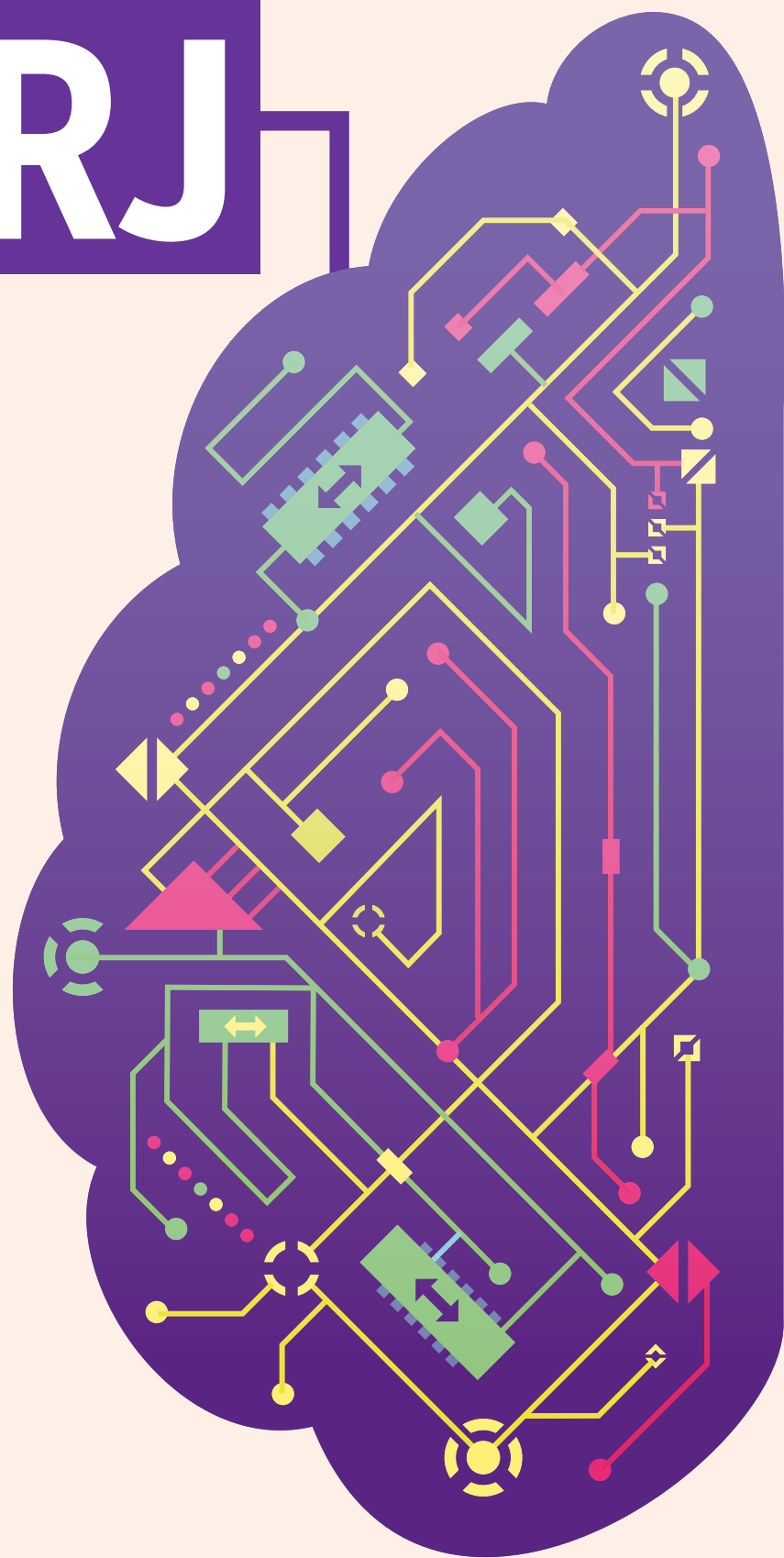
António Nóvoa, ex-reitor da Universidade de Lisboa, avaliou com brilhantismo o papel dos docentes antes, durante e depois da pandemia.

Página 7

PLENÁRIAS DA AdUFRJ DEBATEM DESAFIO DO ENSINO REMOTO PARA OS DOCENTES

Páginas 4 e 5

UFRJ



PRAZER EM CONHECER

A primeira semana do Festival do Conhecimento mostrou o vigor da UFRJ e sua inesgotável capacidade de mobilizar corações e mentes em defesa do pensamento criativo, científico e comprometido com a sociedade brasileira. O evento comemora o centenário da universidade com mais de 600 lives dos mais variados temas. Acompanhe no **Jornal da AdURJ** um pouco dessa festa de saberes, iniciada na mesma semana em que o novo ministro da Educação, o pastor Milton Ribeiro, assumiu o MEC com a promessa de laicidade e pacificação. “E que Deus me proteja”, resumiu em seu discurso de posse **Páginas 3 e 6 a 8**

EDITORIAL

RESPONDEREMOS AO ÓDIO COM MAIS VIDA, MAIS CONHECIMENTO E ALGUMA ALEGRIA

DIRETORIA

A semana que se encerra nesta sexta-feira guarda tantas experiências díspares e contraditórias, como em tantas outras que temos enfrentado desde o início da pandemia. Isso consome o coração de todos nós. É preciso doses cavalares de indiferença para passar incólume pelas mais de 70.000 mortes confirmadas por Covid-19. Porque, mesmo que não sejamos nós os responsáveis, a complacente imagem da nação, que parece adormecer por cima de seus mortos sem qualquer abalo, nos atormenta dia e noite. Os números falam por si. Confinados, enlutados, longe de nosso habitat natural – que são os corredores da universidade cheios de vida, repletos de jovens – enfrentamos ao nosso modo o torturante cenário de descaço, inépcia e perversidade que o atual governo nos apresenta diariamente. E para além do que cada um de nós pode estar enfrentando por esses dias, a resposta da UFRJ foi uma verdadeira explosão de vida, de vitalidade e potência crítica e criativa. O canal aberto pela PR5 com o Festival do Conhecimento permitiu que centenas de atividades viessem a público. Uma extraordinária diversidade ganhou as redes, em lives, rodas de conversas, painéis, proposições nos mais variados diapasões. Em resposta ao ódio que nos devotam, respondemos com mais vida, mais conhecimento e alguma alegria. Estivemos na mira dos grupos mais extremados, que não se pode nem mesmo acusar de conservadores, porque o que predomina ali é mesmo a brutalidade e a ignorância. Moções de ódio, tentativas de desqualificar um evento que a comunidade abraçou e fez gigante, marcaram as reações à programação da UFRJ. Por isso, temos a convicção dos acertos que ela traz. Também poderíamos nos ater às críticas e aos diversos problemas que foram sendo identificados, mas o que prevalece é a firme convicção de que a universidade possui energia e vitalidade de sobra para enfrentar esses tempos sombrios.

Mas essa semana foi também o momento em que nos movemos em direção à oferta do ensino remoto emergencial durante o que foi batizado de Período Letivo Excepcional. Começamos a semana com reuniões por áreas, e concluímos com a realização do Conselho de Representantes. O desafio de oferecer disciplinas aos concluintes e aproveitar o momento para oferecer um leque bem maior em caráter experimental, sejam elas obrigatórias ou eletivas, tem sido a tônica na maioria das unidades. Mas isso está longe de significar consenso. Porque, mesmo muitos daqueles que estão se debruçando nessa tarefa, o fazem compelidos para mitigar prejuízos, reduzindo danos e buscando alternativas possíveis para a formação de nossos estudantes. A situação, portanto, está longe de ser a ideal, pois todas as dificuldades que encontraríamos para realizarmos essas propostas são amplificadas pela desagregação política que vive o país, e principalmente o clima de severa desconfiança e de incessantes campanhas contra a universidade e seu ambiente de liberdade e crítica. E assim chegamos também à posse

CINEMA NEGRO NÃO É SÓ COLOCAR NEGROS NA TELA

■ “A representação da experiência negra no cinema nasceu em realizações independentes, são questões indissociáveis”, disse Janaína Oliveira, professora de História do Instituto Federal do Rio de Janeiro. Convidada pelo CineAdUFRJ para a segunda sessão da série temática “Racismo e Democracia”, a docente encabeçou o debate sobre Cinema (In)dependente e Negritude, com foco nos filmes “Abolição”, “Ori” e “Do The Right Thing”. “O cinema negro não é só sobre a presença do negro na tela”, afirmou Janaína, que é também pesquisadora no Centro de Estudos Africanos na Universidade de Howard. “Há uma sensação de urgência nesses filmes, pela necessidade de criação de referências”, completou.

Cinedebate AdUFRJ/GEM
CINEMA (IN)DEPENDENTE E NEGRITUDE

Data: 15/07 Horário: 18h30
link para a sessão será divulgado breve

Debatedora: Profª Janaina Oliveira (IBRJ) e pesquisadora no Centro de Estudos Africanos na Universidade de Howard

organização: 9em AdUFRJ



do novo ministro da educação. O perfil não destoa dos interesses que regem o atual governo: ultraconservador nos costumes, privatistas até a medula. E se de fato ele for capaz de representar os interesses desse setor, teremos mais dificuldades daqui para frente, porque o pior ministro da história era também um incapaz, e isso fez com que sua capacidade de destruição fosse menor do que o seu discurso anunciava. Resta saber se agora, com esse pastor, o projeto de censura e silenciamento das universidades encontrará um interlocutor com alguma capacidade de realização. Não temos motivo nenhum para esperar que algo melhore nesse governo. Teremos um período de muitos desafios para nós, mas temos a convicção que a vida que pulsa na Universidade será capaz de conter o punitivismo retrógrado e o desejo pela busca do conhecimento superará as tentativas de silenciamento. A dor educa, mas não como resultado da ação de quem deveria nos amar e proteger. A dor que educa é a que sofremos quando decidimos avançar mesmo diante do perigo. É aquela que nos impulsiona, que nos faz vivos e alertas. E será com ela que enfrentaremos os desafios que virão.

SEPE COMEMORA 43 ANOS DE LUTAS

■ O Sindicato dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro, Sepe, está completando 43 anos neste 2020. A comemoração contou com uma programação virtual no dia 16. A presidente da AdUFRJ, Eleonora Ziller, saudou em vídeo a história do sindicato. “Mais do que celebrar uma história de luta, reafirmamos o compromisso de nossa parceria em defesa da democracia e da vida, em nosso estado”, disse a dirigente. (Liz Mota Almeida)



“ESTAMOS NO MESMO BARCO”

■ “Ninguém solta a mão de ninguém”. Este foi o conselho da professora Miriam Struchiner, que coordena o Laboratório de Tecnologias Cognitivas (LTC/NUTES) da UFRJ e atua na área de tecnologia educacional, para os mais de 80 participantes do último Tamo Junto. O encontro, promovido todas as sextas-feiras pela AdUFRJ, teve como tema o PLE, ou Período Letivo Excepcional, e suas implicações para a comunidade acadêmica. A maioria dos docentes presentes participou pela primeira vez da reunião, interessados em entender o funcionamento do PLE e os possíveis recursos educacionais a serem utilizados remotamente. Estiveram presentes, também, professores da UFF e da UERJ com o objetivo de se preparar para os seus respectivos períodos remotos.

“Vamos pensar a tecnologia não só como uma ferramenta, mas como uma linguagem”, sugeriu Miriam. “A ideia é que os alunos possam interagir, de maneira colaborativa. É uma experiência relevante”, explicou. Para a professora, o PLE deve ser construído em parceria com os alunos, já que é uma novidade para todas as partes envolvidas. “Estamos no mesmo barco, há muito a ser construído.”

Miriam acredita que a linguagem configura a experiência do aluno, estratégias e sujeitos da aprendizagem influenciam na sua formação. No contexto virtual, é necessário compreender a inserção da aprendizagem na Cybercultura, explicou a professora. “A cultura digital já está presente na educação mesmo que nós não façamos uso. O contexto não é inexistente”. (Liz Mota Almeida)

PERFIL

PASTOR PROMETE MEC LAICO

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

O pastor Milton Ribeiro tomou posse no cargo de ministro da Educação no dia 16 de julho. Ele é o quarto titular da pasta em um ano e meio de governo Bolsonaro. No discurso, Ribeiro lembrou o pedido do presidente: que olhasse “com carinho para a formação das crianças” e de professores. “Assumo publicamente o compromisso de que seguiremos esta orientação”, afirmou.

Ex-vice-reitor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, o ministro declarou que abrirá canal de diálogo com os educadores que, como ele, “estão entristecidos com o que vem acontecendo com a educação em nosso país”. E se comprometeu a fazer uma gestão baseada “nos valores constitucionais da laicidade do Estado e do ensino público”.

Ainda durante seu pronunciamento, desmentiu o vídeo em que aparece defendendo o castigo físico para crianças. “Jamais falei em violência física na educação escolar e nunca defenderei tal prática”, disse. “Entretanto, vale lembrar que devido à implementação de políticas e filosofias educacionais equivocadas, desconstruíram a autoridade do professor em sala de aula”.

A cerimônia contou com a participação remota do presidente Jair Bolsonaro, que ainda se recupera da Covid-19 e por isso está isolado no Palácio da Alvorada. No breve discurso, Bolsonaro afirmou que a experiência do ministro no Exército o ajudará a conduzir a pasta.

Diretor da AdUFRJ, o cientista político Josué Medeiros acredita que Bolsonaro achou um nome que congrega centrão, olavistas, militares e empresariado no MEC. “O discurso mostra que ele não está para briga, mas para conciliações”, avalia o professor. “Seu discurso



MILTON RIBEIRO é pastor e agrada olavistas, militares, evangélicos, empresários e o centrão

não é de privatização, ninguém vai efetivamente vender as universidades públicas, mas há o interesse de abrir esses espaços para a lógica do mercado”.

Um dos principais riscos, para o docente, é o desmonte da frente ampla de defesa das universidades no Congresso. “Pode levar para perto do governo um setor da educação que estava agindo em oposição ao Weintraub”. Apesar do possível fortalecimento no Legislativo, Josué acredita que muitas ações não vão passar pelos parlamentares. “Há mecanismos prontos, como o Marco de Ciência e Tecnologia, que possibilitam políticas que não precisam de aprovação do Congresso. Há muita estrada já pavimentada nesse sentido”.

DEPUTADOS QUEREM AUDIÊNCIA

As polêmicas declarações de Milton Ribeiro, que ilustram esta página, deixaram a sociedade e os parlamentares perple-

xos. Deputados querem saber se o novo titular do MEC levará essas controversas posições para o ministério, além dos seus planos para a área.

A deputada Margarida Salomão (PT-MG), presidente da Frente Mista Parlamentar Pela Valorização das Universidades Federais, conta que o grupo pretende realizar uma audiência virtual com Ribeiro. “Achamos que isso é importante para restabelecer as relações institucionais que devem existir entre o Parlamento e o MEC”, diz a parlamentar, que é ex-reitora da Universidade Federal de Juiz de Fora. “Temos a expectativa de que, mesmo tendo pontos de vista divergentes, possamos manter uma relação de diálogo a bem das universidades federais”.

Professor da Faculdade de Educação da USP, mesma instituição em que o ministro concluiu seu doutorado, o professor César Minto vê com desconfiança a nomeação do novo titular

com a graça de Deus

Castigo e disciplina

“A correção é necessária para a cura. Não vai ser obtida por meios justos e métodos suaves. Deve haver rigor e severidade. E vou dar um passo a mais, talvez algumas mães até fiquem com raiva de mim: deve sentir dor.”

Sermão em culto na Igreja Presbiteriana, em 2016, disponível em: <https://youtu.be/fWipfWZZLw>

Pedofilia

“O que me preocupa é a erotização da criança, e a criança então com atitudes e com maneiras e trejeitos que ela vê e que ela imita provocando pessoas que entendem que a criança está querendo ter algum tipo de relacionamento com ela”.

Entrevista ao programa Ação e Reação, de 17/10/2013, disponível em <https://youtu.be/fD26BdtcoSE>

Sexo sem limites

“Se for feito com amor, tudo vale. Se você fez sexo com o seu vizinho, que é casado, com a sua vizinha, mas é feito com amor, tudo vale. É isso que eles estão ensinando aos nossos filhos na universidade”.

Sermão em culto na Igreja Presbiteriana, em 2018, disponível em: <https://youtu.be/fWipfWZZLw>

Diálogo

“Queremos abrir um grande diálogo com os acadêmicos e educadores que, como eu, estão entristecidos com o que vem acontecendo com a educação do nosso país”.

Discurso de posse, dia 16/07/2020, disponível em <https://youtu.be/YRIXNBOXBTA>

Estado Laico

“Meu compromisso, que assumo hoje ao tomar posse, está bem firmado e bem localizado em valores constitucionais da laicidade do Estado e do ensino público. Assim, Deus me ajude”.

Discurso de posse, dia 16/07/2020, disponível em <https://youtu.be/YRIXNBOXBTA>

ARTIGO

O PERIGOSO NOVO MINISTRO DA EDUCAÇÃO

JOSUÉ MEDEIROS
Diretor da AdUFRJ

Pela AdUFRJ e Observatório do Conhecimento, fomos ao Congresso diversas vezes em 2019 e começo de 2020 articular contra Weintraub. Graças à força das ruas no 15 de maio de 2019, conseguimos formar

uma frente ampla contra o ex-ministro.

Esquerda, centro-direita, direita liberal, Rodrigo Maia, toda a imprensa, toda a sociedade civil que atua na educação (movimentos sociais à esquerda + ONGs e institutos liberais). Eram todos contra o bolsonarismo orgânico de Weintraub.

Conseguimos barrar muitos retrocessos. É justamente essa articulação que o novo ministro Milton Ribeiro tem o potencial de desfazer. Pior: seu discurso “técnico” (na posse defendeu o Estado Laico e o ensino público) pode organizar uma nova frente ampla, desta vez em torno de políticas neoliberais para

a educação. Ele vai manter o olavismo no MEC e isso pode atrapalhar, mas não será o bolsonarismo que vai impedir uma efetividade neoliberal. Precisamos das ruas com o mesmo clima do 15M, para além da nossa bolha. E precisamos de muita inteligência e zero sectarismo nas articulações.

PROFESSORES NO ENSINO REMOTO

DA REDAÇÃO
comunica@adufrrj.org.br

A AdUFRJ organizou um grande evento virtual na segunda-feira, 13, para debater os desafios do ensino remoto durante a pandemia. Para amparar as discussões, a diretoria preparou texto com diversas propostas e reflexões sobre o assunto, todas focadas na garantia da qualidade acadêmica, no acolhimento dos estudantes e na valorização do trabalho docente. As reuniões mobilizaram 113 professores das mais diversas áreas. Os professores foram divididos em quatro grupos: Humanas, Artes, Saúde e Tecnologia. O encontro suscitou novas inquietações e propostas que foram apresentadas e debatidas com o Conselho de Representantes da AdUFRJ na quinta-feira, 16.

HUMANAS

ALTERNATIVAS PARA REDUZIR SOBRECARGA

LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

A plenária da AdUFRJ que reuniu os professores de Humanas refletiu algumas das principais preocupações dos docentes da UFRJ com a adoção do ensino remoto. A oferta de plataformas digitais para realização das aulas, a adaptação do conteúdo das disciplinas para a modalidade remota e o desgaste causado pelo trabalho em confinamento foram alguns dos temas abordados na reunião. Mas ponto central da discussão foi a insegurança manifestada por muitos professores sobre a individualização da decisão de dar ou não aulas remotas.

A plenária foi coordenada pelo diretor Josué Medeiros, professor do IFCS. Na abertura, Josué apresentou os principais pontos do texto da diretoria sobre o ensino remoto. "O texto expôs, de maneira introdutória, o que achamos que são os princípios que devem nortear a atuação da AdUFRJ", disse Josué. "Esperamos as contribuições dos colegas para acrescentar ao material".

A reunião foi um grande espaço para a troca de ideias sobre como implantar um modelo de aulas remotas adaptado ao programa de cada disciplina. A professora Marta Castilho, do

Instituto de Economia, relatou como está sendo a preparação para o Período Letivo Excepcional na sua unidade. "Na Economia estamos discutindo bastante sobre todas as questões que envolvem o ensino remoto, e os temas que estão no documento da AdUFRJ contemplam bastante as nossas preocupações", disse a professora, que também contou que no IE os docentes tiveram a ideia de criar turmas grandes, mas com mais de um professor. "Ajuda na administração durante a aula, mas diminui um pouco a carga dos professores", explicou. "A ideia acabou se difundindo, e várias turmas nossas serão compartilhadas desta forma", relatou a professora.

O professor Sandro Torres, da Escola de Comunicação, contou como o processo tem sido tranquilo também em sua unidade. A direção da ECO consultou os alunos sobre a oferta de aulas remotas, com uma resposta majoritariamente positiva, e propôs desde o começo uma ampla discussão com os professores, trazendo-os mais para perto das decisões. A professora Ana Lúcia Cunha Fernandes, da Faculdade de Educação, também relatou a experiência na sua unidade. "Fizemos uma série de rodas de conversa, e agora temos um grupo de trabalho pensando em questões mais

concretas, de ordem mais objetiva. Fizemos um questionário, destinado aos professores, para tentar captar as suas dificuldades e necessidades", contou a professora, que sugeriu que a AdUFRJ seja, sobretudo neste momento, o espaço para que essas conversas aconteçam.

A professora Júlia Ávila Franzoni, da Faculdade de Direito, lembrou que é importante ressaltar que o trabalho remoto é um direito. "É preciso entender que desde que foi deflagrada a pandemia todos os professores da UFRJ estão trabalhando", disse a docente, que se mostrou preocupada com como as chefias vão entender isso, para evitar punições a quem não aderir ao PLE. Ela também se mostrou preocupada com os professores substitutos, os que estão em período probatório e com as progressões de carreira, entendendo que não pode haver nenhum prejuízo aos docentes. Em resposta, o professor Josué convidou a professora Júlia a escrever sobre o tema, para que seja incluído no texto final. Josué também colocou a AdUFRJ à disposição de professores que estejam se sentindo pressionados por suas unidades a dar aulas durante o período excepcional.

Outra inquietação debatida na reunião foi sobre a gravação das aulas e os direitos de imagem

dos professores. "Minha maior preocupação é com a própria segurança dos docentes em relação aos vídeos gravados. Não vivemos uma conjuntura política muito fácil", ponderou Ana Cláudia Tavares, do NEPP-DH. "Temos casos recentes de invasões de salas de aula", disse. A gravação das aulas, lembrou Josué, é uma reivindicação dos alunos para facilitar o acesso daqueles estudantes que não possam assistir à aula sincronamente, e que a AdUFRJ vai conversar com o DCE para que haja um entendimento sobre o tema.

A professora Fernanda Vieira, do NEPP-DH, fez uma fala manifestando sua preocupação com a decisão de dar ou não aulas remotas ficar a cargo dos professores. Para ela, uma vez que a universidade vai informar ao MEC que a UFRJ está oferecendo aulas, abre-se um perigoso precedente para que docentes que optem por não aderir ao Período Letivo Excepcional sejam prejudicados de alguma forma. A docente defende que a decisão, da maneira que foi tomada pela UFRJ, não dá garantias jurídicas, frente ao governo, de que os colegas poderão escolher não dar aulas sem ter eventuais prejuízos.

Em sua resposta, Josué reafirmou a importância dos conselhos superiores da universidade, mostrando que existe uma es-

tratégia para lutar contra eventuais ataques do governo. "Não tenho dúvidas de que com um governo fascista não há garantias jurídicas. Justamente por não termos garantias jurídicas, precisamos contar com garantias políticas. E não há garantia política maior do que contar com os conselhos superiores da universidade. Ali está a garantia da autonomia universitária", disse Josué. A decisão sobre aulas remotas foi amplamente discutida, ao longo de meses, pelo CEG, CEPG e Consuni, que de maneira democrática ouviram todos os segmentos da universidade.

A presidente da AdUFRJ, Eleonora Ziller, encerrou a reunião lembrando que é um período muito difícil para todos, em que "nossas vidas estão empobrecidas de experiências afetivas", e defendeu a posição da UFRJ. "A universidade teve muita calma na hora de discutir as aulas remotas. O Conselho Universitário dedicou uma sessão inteira a ouvir os estudantes, e a proposta foi aprovada praticamente por unanimidade, com apenas 3 abstenções. Essa votação é o ganho político que conquistamos nesse processo, e é por esse caminho que enfrentamos o fascismo. Com muita coragem. Combater governos fascistas exige coragem", disse.



fazer", sugeriu.

Alguns professores relataram que o curso de formação ofertado pela UFRJ, sobre as plataformas digitais para o PLE, foi dado de maneira rasa. Mario Gandra, professor da Faculdade de Farmácia, já possui familiaridade com essas plataformas, devido a uma experiência anterior na UFBA. Ele percebeu a urgência do tema e resolveu disponibilizar tutoriais sobre o googleclassroom e o AVA no seu canal do YouTube, para que outros professores possam aprender. O canal se chama Professor Mario Gandra e também estão disponíveis videoaulas para os estudantes de Farmácia.

David Majerowicks, professor da Farmácia, disse que o seu departamento está à procura de profissionais com experiência em ensino remoto. "Existe gente que estuda o EAD e que sabe mais do que a gente como

EXATAS E TECNOLÓGICAS

ADUFRJ QUER RESSARCIMENTO DE DOCENTES POR AULA REMOTA

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Mais de 40 docentes do CCMN e do CT participaram do encontro da AdUFRJ sobre ensino remoto. O professor Felipe Rosa mediu o debate. "O ensino remoto não é mais uma questão de 'se', mas uma questão de 'como', já que a universidade decidiu implantá-lo", afirmou o vice-presidente do sindicato. "A ausência de aulas exclui muito mais os estudantes que o ensino remoto emergencial", defendeu o professor. A AdUFRJ, ele explicou, prioriza dar suporte e proteção aos docentes, neste momento.

Uma das bandeiras levantadas pela diretoria da AdUFRJ é que os professores sejam ressarcidos dos custos que se elevaram em casa e na aquisição de equipamentos para as atividades remotas. A assessoria jurídica da seção sindical vai produzir parecer sobre direito autoral e propriedade intelectual em relação às aulas preparadas de maneira remota e disponibilizadas como conteúdos gravados. "Nossa posição é que o direito do professor sobre o material de suas aulas vai além do entendimento da Procuradoria da UFRJ", disse Felipe Rosa.

No parecer da universidade, o procurador Renato Vianna afirmou que as aulas não são criações de interesse privado dos docentes e que, por isso, o direito autoral seria "exclusivo da Administração Pública, não podendo auferir quaisquer benefícios privados" aos professores. Em relação à imagem, diz o pro-

curador, a lei protege o docente de violação e "mau uso, que lhe cause dano material ou moral". A disponibilização de aulas gravadas aos alunos, completa Vianna, "não causa dano material ou moral ao professor". Outra preocupação da AdUFRJ – também expressada por alguns professores – diz respeito à necessária integração com todos os estudantes. A AdUFRJ pretende encabeçar um movimento nacional em defesa da democratização da internet e a inclusão digital. E pretende iniciar o debate por meio do Observatório do Conhecimento.

A professora Thereza Paiva, do Instituto de Física, reforçou o cuidado necessário com os estudantes e o quanto a falta de aulas pode impactar inclusive economicamente os mais vulneráveis. "Há muitos estudantes de fora do Rio que se planejaram para passar um determinado período na cidade, que é uma das mais caras do Brasil. Não dar aulas é fazer os estudantes aumentarem essa permanência na cidade. Muitas famílias não têm condições financeiras de ampliar este tempo".

As disciplinas e teses que dependem de experimentos foram um dos temas levantados pelos professores. Enquanto não há protocolo para retorno seguro das atividades nos laboratórios, muitos trabalhos estão parados. Mas alguns laboratórios das áreas exatas estão retomando pesquisas. "A pior coisa que pode acontecer são esses laboratórios voltarem de forma presencial, sem protocolos de segurança",

criticou o professor Fernando Rochinha, da Coppe. "Boa parte dos laboratórios do CCS estão funcionando desde o dia zero da pandemia. Temos protocolos nesses locais que podem ser estabelecidos para os demais laboratórios", disse.

Yraima Cordeiro, professora da Farmácia, defendeu o uso do AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem – desenvolvido pelo Instituto Tércio Pacitti) e da plataforma Moodle para as aulas, já que a UFRJ deu liberdade às unidades de escolherem e organizarem de forma autônoma suas aulas remotas. Em relação às metodologias de ensino, a docente criticou a demora de os professores se prepararem para esta migração de conteúdos para o ambiente virtual. "Tivemos a chance de nos preparar desde março. Eu me programei pra fazer curso de AVA já prevendo que a única forma de retorno possível seria essa, por atividades a distância".

Do Instituto de Química, o professor Rodrigo Almeida reconheceu que a universidade tem conseguido dar boas respostas à crise, mas salientou a necessidade de avaliar constantemente as decisões sobre o ensino remoto "é fundamental que esta experiência não seja naturalizada. É importante que seja bastante reforçado que o nosso tripé de ensino, pesquisa e extensão está muito sustentado pelo contato físico, pelo presencial. Nossas práticas pedagógicas são baseadas nisso", disse.

Também houve críticas de

professores da Escola Politécnica sobre o calendário aprovado. O chamado Período Letivo Excepcional foi considerado curto. "O encurtamento do calendário pode, sim, comprometer a qualidade das aulas e da formação", afirmou o professor José Henrique Sanglard, da Engenharia Naval. "A Escola Politécnica tem um problema adicional: a maioria dos professores não tem experiências com ensino a distância ou aulas remotas".

O professor Sylvio Oliveira, da Engenharia Mecânica, reivindicou um direcionamento mais claro sobre que plataformas usar para as aulas neste período. "Há muitas perguntas a fazer e muitas orientações que eu gostaria de receber", disse.

AVALIAÇÃO POSITIVA

O vice-presidente da AdUFRJ comemorou o sucesso do encontro. "A reunião foi surpreendentemente cheia, superou as expectativas. Mostra que o tema domina a dinâmica da universidade", avaliou Felipe Rosa. Ele destacou que a volta das atividades remotas, com inclusão e solidariedade, foi um consenso importante entre os participantes. "Não será o melhor dos mundos, mas é um caminho que deve ser seguido".

As questões levantadas pelos professores serão levadas em consideração para a versão final do documento sobre ensino remoto da diretoria da AdUFRJ. "As questões centrais que foram abordadas já estão contempladas no nosso documento, mas ele certamente será enriquecido. Protocolos de segurança para laboratórios e atividades práticas de pós-graduação tem de ser incorporados pelo contato físico, pelo presencial. Nossas práticas pedagógicas são baseadas nisso", disse.

Também houve críticas de

ARTES

CRIATIVIDADE É A PALAVRA DE ORDEM

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrrj.org.br

A plenária das Artes e outras práticas teve um número menor de participantes, mas surpreendeu pela representatividade. Participaram da troca de ideias docentes dos cursos de Música, Comunicação Visual Design (EBA), Direção Teatral (ECO), Letras e Gastronomia. A roda de conversa foi conduzida pela presidente da AdUFRJ, Eleonora Ziller.

As disciplinas práticas são o calcanhar de Aquiles. "Metade da nossa carga horária é de vivência em laboratório. Não achamos uma solução para resolver isso remotamente", relatou Daniela Munizzo (Gastronomia). Segundo a docente, o caminho escolhido foi a oferta de disciplinas eletivas e teóricas. Já na ECO, as estratégias incluem a oferta de disciplinas complementares e conjuntas (ministradas em parceria por mais de um docente). "Nossa intenção é garantir um período mais leve e sem muita pressão sobre os alunos e professores", informou José Henrique (Direção Teatral). A criatividade é a palavra de ordem, tanto para a graduação quanto para os projetos de pesquisa e extensão. "Enviamos kits de luz e cromagris para a casa das pessoas e vamos fazer nossa primeira web ópera", disse.

A estrutura física da universidade também foi debatida. Norma Menezes, da Escola de Belas Artes, interpelou a AdUFRJ para garantia de espaços físicos, na universidade, para gravação das aulas. Assim como, uma política de formação para os docentes sobre ensino remoto. "Vídeos, oficinas, tutoriais", exemplificou. "Ninguém quer perder a qualidade".

Uma das maiores unidades da universidade, a Letras pontuou preocupações em relação a um eventual retorno às aulas. "Apesar de bem arejado, o prédio não tem a menor perspectiva de atender ao volume enorme de pessoas que abrigamos, inclusive de outros cursos, respeitando a demanda de isolamento", relatou a professora Danielle Copas. "Não temos condições nem para semi-presencial", advertiu.

Surgiu também a preocupação com contagem do tempo para progressão docente durante a pandemia. A presidente da AdUFRJ afirmou que a entidade atua junto à reitoria para proteger os direitos docentes em relação à carreira e à propriedade intelectual.

CIÊNCIAS DA SAÚDE

PREOCUPAÇÃO COM AS AULAS PRÁTICAS

LIZ MOTA ALMEIDA
comunica@adufrrj.org.br

A reunião da área de saúde foi intensa e bastante representativa. Participaram docentes da Farmácia, Medicina, Fisioterapia, Psicologia, Fisioterapia, Biologia, Gastronomia, Terapia Ocupacional. Foi demonstrada uma preocupação quanto à oferta de disciplinas práticas no PLE - Período Letivo Excepcional. "Minha preocupação é com as aulas práticas em laboratório, trabalho de campo, atividade de docente assistencial. Não foram contempladas nesse PLE essas modalidades sob a forma remota", disse o professor Hélio de Mattos, da Farmácia. "Várias

aulas práticas podem serem ministradas sob a forma remota. Mas a resolução do CEG não obriga, deixou isso a critério das unidades", completou.

Pedro Lagerblad, diretor da AdUFRJ, lembrou que o PLE não foi uma opção, e sim uma necessidade. "Socialmente e politicamente falando, não temos escolha quanto ao PLE", ponderou. Para o professor titular do Instituto de Bioquímica Médica, apesar da adversidade, os docentes devem procurar soluções para ministrar seus cursos. "Estamos com um problema. Vamos ver o que se pode fazer de bom com ele".

Lúcia Azevedo, professora de Medicina, afirmou que existe

um esforço do seu curso em adiantar algumas atividades práticas pelo ensino remoto, como teleconsulta e medicina da família. "Alguns componentes dessas matérias podem ser facilmente colocados no método remoto", explicou Lúcia. Para ela, o maior desafio é ensinar aos professores a usar as ferramentas tecnológicas para auxiliar na aprendizagem. "Muitos não estão acostumados a usar videoaulas, gravar conteúdo online. Eu e um grupo de alunos vamos fazer um tutorial para ajudar esses professores", completou.

Na Biologia, não existe um consenso sobre as aulas práticas, segundo o professor Paulo

pessoas e que precisam dividir o único computador da residência. "Sabemos que muitos não vão conseguir assistir às aulas no horário fixado", completou. Igor Alves, pela APG, informou que uma pesquisa realizada com quase 100% dos pós-graduandos da UFRJ revelou a vontade da maioria pela volta às aulas em ambiente virtual. A APG defende a criação de uma comissão de acompanhamento do ensino remoto para verificar se os direitos dos colegas estão sendo respeitados. "Precisamos avançar para não deixar ninguém para trás", concluiu.

Durante o debate do conselho, vários professores manifestaram receio que a não participação no ensino remoto, mesmo opcional, se torne uma "armadilha", diante do momento político de ataque às universidades. Outros estão preocupados com a contagem do tempo de serviço e a avaliação para progressão na carreira.

Estes elementos e muitos outros debatidos nas reuniões realizadas no dia 13 com diversas áreas da universidade serão incorporados ao documento

que a diretoria apresentou na edição anterior do Jornal da AdUFRJ. A presidente Eleonora Ziller fez uma avaliação bastante positiva da plenária do início da semana: "Um total de 113 professores participou do processo. Isso é importante. Há uma vontade de discutir", afirmou.

ASSEMBLEIA

O Andes convocou um conselho das seções sindicais (Conad) extraordinário para debater a prorrogação do mandato da diretoria nacional — a pandemia causou a suspensão do processo eleitoral que ocorreria este ano. O Conad ocorre nos dias 30 a 31 de julho.

A diretoria da AdUFRJ estuda a melhor forma de realizar sua primeira assembleia virtual para eleger os representantes ao evento. Os encontros virtuais promovidos até agora na quarentena, como o Conselho de Representantes, não exigiam uma votação formal dos sindicalizados. Uma proposta de organização será enviada para avaliação dos representantes do CR na segunda, 20. A assembleia ficou marcada para o dia 27.

CONHECER É UMA FESTA

KELVIN MELO
kelvin@adufjr.org.br

Não houve mesa decorada com flores. Nem o cerimonial solicitando aos presentes para desligar os celulares. Não havia nem plateia. O Festival do Conhecimento da UFRJ começou de forma bem diferente das tradicionais solenidades universitárias. Em vídeo gravado num esvaaziado auditório do Theatro Municipal, somente a reitora Denise Pires de Carvalho e o vice reitor Carlos Frederico Leão Rocha fizeram uma saudação ao evento. E explicaram a simbologia do cenário, que seria usado para a celebração dos 100 anos da UFRJ, em setembro. “Prendíamos fazer aqui uma comemoração. Isso não será possível por conta da pandemia”, explicou o professor. “Mas vai acontecer o Festival do Conhecimento. Pois a UFRJ continua a produzir e transmitir conhecimento”, completou. A afirmação não poderia ser mais verdadeira. Desde o dia 14, a instituição transferiu toda sua pujança cultural e científica para a web em dezenas de debates e shows. Acolhedora, a universidade também recebeu convidados ilustres, entre cientistas, ex-ministros e artistas, como a diva Elza Soares. E não acabou: a extensa programação prossegue até 24 de julho. A UFRJ vive!

CONHECIMENTO SE CONQUISTA COM MAIS AUTONOMIA

Preservar a autonomia, incluir mais alunos, garantir orçamento adequado e, na pandemia, fazer o melhor ensino remoto possível. A discussão dos desafios que a universidade pública brasileira precisa superar na atualidade abriu o Festival do Conhecimento da UFRJ, no dia 14. “Somos conhecimento, solidariedade e presença. Nós não somos uma soma de salas de aula que oferece diplomas. Não somos também uma soma de laboratórios que produzem resultados”, afirmou o professor João Carlos Salles, presidente da associação nacional dos reitores (Andifes) e um dos convidados especiais da

solenidade.

Reitor da Federal da Bahia, João Carlos enfatizou que a Academia está sendo atacada por incomodar práticas autoritárias. “Isso é evidente. A universidade tem histórico de luta por liberdades democráticas”.

“Mas temos desafios internos também”. O reitor chamou atenção para a necessidade de reinvenção das aulas no momento em que as atividades presenciais não são possíveis. Lembrou a necessidade de inclusão dos estudantes e de capacitação dos docentes. “Esse debate deve ser feito com transparência e responsabilidade

de”, disse. “Nossa continuidade de ações não pode ser feita de forma acrítica”, completou.

LEGISLAÇÃO

Reitor da Universidade Federal de Goiás e vice-presidente da Andifes, o professor Edward Madureira Brasil participou do encontro e comparou a situação de hoje com a de tempos não tão distantes assim. Edward registrou que, no período entre 2006 e 2014, quando também dirigiu a UFG, políticas públicas acertadas ampliaram o sistema de educação superior. “Somos uma geração de reitores marcada por este retrocesso

e pela pandemia”, lamentou. Para retornar aquele patamar, o reitor entende que alguns obstáculos da legislação devem ser removidos. “Se temos uma meta a perseguir, é conseguir mais autonomia para as universidades”, disse, diante dos recentes ataques, como a medida provisória nº 979. A normativa permitia ao governo Bolsonaro intervir nas reitorias. O docente considera a Emenda Constitucional 95, do teto de gastos, como a norma mais nociva para o pleno desenvolvimento das universidades. Edward argumentou que a medida “revogou” o Plano Nacional de Educação ao conge-

lar os investimentos do setor. A atual ausência de um projeto de nação, reforçou a reitora Denise Pires de Carvalho, já tem como consequência a “evasão de cérebros”. “Não há saída para o Brasil se a Emenda Constitucional 95 continuar vigente”, afirmou, em referência à falta de investimentos em pesquisa e concursos públicos. O vice-reitor da UFRJ, professor Carlos Frederico Leão Rocha, destacou o desafio de promover a inclusão digital dos alunos da universidade até o início das aulas remotas, em 10 de agosto. “É fundamental garantir esse acesso”.

HADDAD: BOLSONARO FRACASSOU NA EDUCAÇÃO

SILVANA SA
silvana@adufjr.org.br

A análise do projeto do governo para a educação e as universidades mobilizou um dos disputados encontros do Festival do Conhecimento essa semana. Com mais de 600 espectadores, a atividade contou com os ex-ministros da Educação, Fernando Haddad (2005-2012) e Renato Janine Ribeiro (2015), a professora da Faculdade de Educação, Giovana Xavier, e o vice-reitor da UFRJ, Carlos Frederico Rocha.

“Estamos no quarto ministro da Educação de um governo fracassado nessa área. Não há mais como recuperar o governo nessa área”, afirmou Haddad, que defendeu o legado dos governos do PT na Educação, destacando o projeto do Reuni e a criação do Enem. Ele ressaltou a grandeza da universidade e da pesquisa brasileiras. “A universidade está firme e forte nos seus propósitos enquanto o governo cai pelas tabelas na área da educação porque não tem projeto a não ser o seu desmonte”, declarou, criticando em seguida

o programa Future-se do ex-ministro Abraham Weintraub. “O retorno do investimento em educação e ciência é extraordinário”, disse, lembrando das ações do MEC enquanto esteve à frente da pasta, como o respeito à autonomia das instituições, a ampliação de vagas e do financiamento das universidades.

Para Janine Ribeiro, a universidade tem papel central no pós-pandemia. “A Europa pretende retomar sua economia descarbonizando. Ou seja: não é voltar igual, é voltar sustentável. Nós temos um conhecimento cien-

tífico pujante”, declarou o ex-ministro. “A universidade deve estar presente neste momento da pandemia. Se não atuarmos, a realidade será pior”, afirmou.

Mas a autonomia universitária e a ciência, por si só, não são capazes de realizar esta transformação, para a professora Giovana Xavier. “Precisamos continuar dialogando sobre uma gestão pública que reinvente a autonomia universitária em prol do combate às desigualdades. Que a gente possa construir caminhos alternativos para que as histórias asfixiadas sejam

resgatadas”, defendeu. Para ela, o pós-pandemia é imprevisível e a pandemia, racial. “Cinquenta e sete por cento das mortes por Covid-19 estão na comunidade negra”, lembrou.

O vice-reitor da universidade, Carlos Frederico Rocha, citou as recentes ações da UFRJ para proporcionar meios de ensino virtual para os estudantes. “A preparação para as aulas remotas envolve inclusão social, inclusão digital e desenvolvimento científico”, disse. Apesar dos esforços da universidade, ele teme um retrocesso social e econômico no país. “Vamos caminhar para uma sociedade com conflitos políticos e uma miséria crescente”.

AGORA É O MOMENTO DE MUDAR A ESCOLA

LUCAS ABREU
lucas@adufjr.org.br

A pandemia explicitou dois problemas que afetam a Educação nos últimos anos: o ensino visto como um serviço e a aplicação de pacotes vendidos por grandes corporações tecnológicas. A afirmação foi feita pelo professor português António Nóvoa, ex-reitor da Universidade de Lisboa, historiador da Educação e embaixador da Unesco, em uma das mesas mais aguardadas do Festival do Conhecimento, na manhã do dia 16.

A primeira dificuldade, Nóvoa argumenta, é que os pais enxergam a educação como um bem privado e com ela estabelecem uma relação de consumo. “É como se a educação fosse um serviço, e apenas um serviço, que se presta a um conjunto de crianças no plano individual”, explicou. O segundo obstáculo ocorre com a entrada de empresas de tecnologia na educação, oferecendo soluções prontas. “Os professores não têm que exercer um trabalho de conhecimento próprio, mas há apenas a aplicação de um trabalho”, criticou Nóvoa. Articuladas, as duas tendências pareciam estar prontas para resolver a crise causada pela pandemia, mas fracassaram. “Todos esses movimentos que vinham se infiltrando no debate sobre a educação tornaram-se claros durante a pandemia”, disse. Ao mesmo tempo, esclareceu o professor, o cenário trouxe boas notícias. “A primeira foi a capacidade de resposta de muitos professores, que, em colaboração, conseguiram criar soluções, manter vínculos pedagógicos, para que a ideia de educação pública se mantenha presente”, contou — o discurso no festival era um reflexo da frase anotada em um quadro atrás do intel-

tual: “O que conta mesmo é a força dos professores”.

“A segunda boa notícia é um novo reconhecimento, por parte das famílias, da complexidade e da importância do trabalho e da ação dos professores”. Para Nóvoa, a situação representa uma oportunidade para universidades, professores e agentes interessados na defesa da educação pública.

A proposta de reformulação da educação básica de António Nóvoa parte do princípio de que as coisas não vão voltar ao normal durante a pandemia, o que é bom. “A escola que tínhamos antes da pandemia era uma escola não inclusiva, onde os professores não eram valorizados e não tinham a autonomia respeitada. Uma escola com muitas dificuldades de enfrentar o século XXI”, explicou.

Mas, para o processo que vai envolver muita disputa política, o ex-reitor destacou a necessidade de existência de institui-

ções especiais, que respeitem quatro eixos: formação, não só no sentido da elaboração dos programas de licenciatura, mas também nas políticas públicas de recrutamento e preparação dos professores; práticas, que estão diretamente ligadas ao cotidiano de trabalho dos professores; pesquisa, que é a reflexão sobre as práticas, a produção do conhecimento, inovação e as proposições de mudanças; e políticas públicas que coloquem os professores como peças centrais.

Nóvoa fez uma reverência à UFRJ. “Hoje, essas quatro coisas estão fragmentadas, e essa fragmentação torna muito difícil um combate pela educação pública e pela valorização dos professores, que são os dois combates da minha vida”, afirmou. “E a UFRJ é, talvez, umas das poucas instituições que já concebeu este lugar, o Complexo de Formação de Professores”, completou.



DOCENTES CRITICAM RACISMO NA CIÊNCIA

LIZ MOTA ALMEIDA
luzmota@adufjr.org.br

Como o racismo se manifesta na história da Ciência e o que pesquisadores negros fazem para combater esta realidade? As questões alimentaram o debate “Ciência e tecnologia em afroperspectiva”, o primeiro organizado pela AdUFRJ durante o Festival do Conhecimento, no dia 15. O diretor Felipe Rosa fez a mediação do encontro. “Quando me percebi mulher, negra e cientista, fui buscar referências que se assemelhassem a mim”, contou Eliade Lima, professora da Unipampa e doutora em astrofísica. A busca, porém, revelou-se infrutífera. “Os meus referenciais estão voltados apenas para o continente europeu e para as descobertas europeias. Se me pedirem o nome de uma mulher negra na Astronomia antiga, não saberia dizer”, lamentou. O racismo epistêmico, como Eliade explicou, fez com que a Astronomia surgisse como Ciência apenas quando os europeus decidiram observar o céu. “Quais são os referenciais de grandes astrofísicos e astrônomos? Rapidamente, lembro de Tycho Brahe (1546-1601), Newton (1642-1727), Galileu Galilei (1564-1642)... Estou falando de homens brancos europeus”, disse. “Como se o povo do continente africano não observasse o céu”, criticou. Bernardo Oliveira, professor de Filosofia da Educação da

UFRJ, apresentou as contribuições de Cheikh Anta Diop (1923-1986) para o tema. Diop foi um historiador, antropólogo, físico e político senegalês que estudou as origens da raça humana e cultura africana pré-colonial. Usou os conhecimentos ocidentais para reconfigurar o panorama histórico em que as conquistas civilizatórias são atribuídas apenas ao homem branco. “A Ciência não cansou de afirmar sua pretensa origem branca”, disse Bernardo. O professor António Carlos, do Instituto de Física da UFRJ, levou para a mesa as teorias do psiquiatra e filósofo francês Frantz Fanon (1925-1961). “Fanon argumenta que a pessoa negra se submete a vestir máscaras brancas, como estratégia de convivência e sobrevivência de suas relações sociais”, disse. “A simulação dos padrões brancos de comportamento cria doenças psíquicas, como, por exemplo, o sentido de inferiorização”, completou.

AdUFRJ NO FESTIVAL

A AdUFRJ organiza mais duas mesas no festival: “A pandemia e a participação das mulheres na produção acadêmica e na vida política das universidades”, dia 20, às 9h; e “Aulas remotas em tempos de fakes e as inseguranças jurídicas para a prática docente”, dia 23, às 17h.

NOTAS

POLÍTICA DE INOVAÇÃO AGUARDA VOTAÇÃO NO CONSUMI

A UFRJ está com uma proposta de política de inovação pronta para ser debatida e votada pelo Conselho Universitário. A informação foi divulgada pela professora Ariana Roder, superintendente de Pesquisa da Pró-reitoria de Pós-graduação, em uma das mesas do Festival do dia 15. A expectativa da docente é que, uma vez aprovado o documento, a universidade possa “potencializar sua capacidade, que já é enorme, nesta área”. O vice-reitor da UFRJ, Carlos Frederico Leão Rocha, destacou a iniciativa: “Nós pre-

cisamos normatizar o ambiente inovador dentro da universidade, ainda que a universidade não seja o agente inovador por essência”. Diretor de Tecnologia da Faperj e fundador do Parque Tecnológico da UFRJ, o professor Mauricio Guedes observou que o Brasil ainda está muito atrasado em relação a outros países no quesito inovação.



TÉCNICOS DEBATEM O TRABALHO REMOTO

O Sintufjr participa do Festival do Conhecimento com quatro atividades. Uma delas foi a discussão do “Trabalho remoto na UFRJ: balanços e perspectivas”, na tarde do dia 15. “É um desafio para os trabalhadores, é um desafio enorme para o movimento sindical”, disse Neuzia Luzia Pinto, coordenadora geral do sindicato. Roberto Gambine (foto), ex-pró-reitor de Pessoal da UFRJ, criticou a postura mesquinha do governo de cortar auxílios dos servidores durante a pande-



mia, enquanto os trabalhadores tiveram as despesas aumentadas em casa. “Em nenhum momento, a gente viu a mesma preocupação do governo federal de querer discutir essa contrapartida”, completou.

UFRJ CONTRA A COVID-19

Tratamento, testagem e pesquisa. O painel “UFRJ na linha de frente no combate à Covid”, no dia 15, apresentou uma amostra do papel da universidade contra a doença em diferentes áreas. “Nosso hospital está ocupando o devido espaço no atendimento de pacientes de média e alta complexidade”, disse o diretor do Hospital Universitário, Marcos Freire. Também participaram da mesa: Terezinha Castiñeiras, da Faculdade de Medicina; o virologista Amílcar Tanuri; e a professora Renata Alvim, da Coppe.

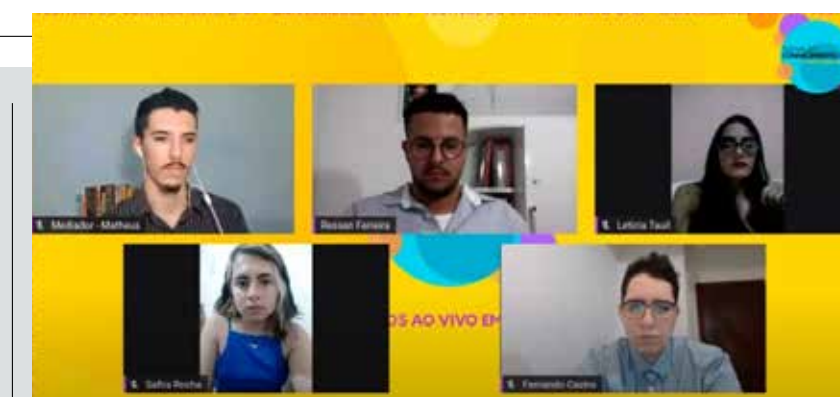
NOTAS

COMUNICAR A FAVELA PROTEGE DIREITOS

“Os comunicadores comunitários vêm para disputar direitos, mostrar que a favela importa, que as pessoas desse lugar importam, e nos conectar”, disse Raull Santiago, ativista no Coletivo Papo Reto, em uma sala do Festival do Conhecimento UFRJ no dia 14. O debate “Comunicando a favela” tratou das ações da imprensa comunitária durante a pandemia. “Muitas pessoas começaram a sentir os impactos da pandemia antes mesmo de o vírus chegar e se espalhar na favela”, afirmou Rene Silva (foto), fundador do



Jornal Voz das Comunidades. “Quando a gente vê essas situações acontecendo, somos sempre os primeiros a relatar”, declarou.



REPRESENTATIVIDADE DESAFIA UNIVERSIDADES

“No Centro de Tecnologia, onde estão os LGBTs? Desde quando em uma sala de 60 alunos é comum haver apenas seis mulheres e um, ou nenhum, LGBTQI+?” indagou Matheus Fernandes, presidente da Diversiliga UFRJ. A conversa sobre a importância da representatividade dentro da Universidade, mediada pelo estudante, ocorreu no dia 16. “É importante ver além daquilo que é raso, ver a realidade, ver o outro”, pontuou Fernando Castro, primeiro professor trans da UFRJ, do Instituto de Microbiologia.

FIOCRUZ SE DESTACA CONTRA O CORONAVÍRUS

Institutos de pesquisa e universidades têm respondido à pandemia com as mais diversas ações. O trabalho da Fiocruz, uma das pioneiras na produção de testes moleculares para a detecção da Covid-19, foi um dos destaques de painéis realizados no dia 14. “A Fundação Oswaldo Cruz é, assim como a UFRJ, um patrimônio da sociedade brasileira. Toda nossa preocupação é atender da melhor maneira possível aos chamamentos que são feitos em momentos como este”, disse o pesquisador Rivaldo Venâncio.

'O SOL HÁ DE BRILHAR MAIS UMA VEZ'

KIM QUEIROZ

comunicao@adufrj.org.br

O dia de abertura do Festival do Conhecimento UFRJ finalizou com uma noite inesquecível. Programado para realizar apresentações musicais diárias, o Festival convidou Elza Soares para encerrar as atividades do dia 14, em uma live comemorando os 100 anos da Universidade, e os 90 da cantora. "A gente escolheu a Elza porque ela é um símbolo de resistência da militância racial, das questões de gênero, em um país atravessado pelo machismo, e também por ser uma cantora extraordinária", afirmou Ivana Bentes, pró-reitora de Extensão da UFRJ e uma das organizadoras do evento.

O show virtual, realizado em um acústico voz e violão com acompanhamento do músico JP Silva, foi uma importante celebração para a instituição. "É uma grande honra e um privilégio ter conosco a mulher do milênio, Elza Soares, um ícone da cultura brasileira", declarou Denise Pires de Carvalho, reitora da UFRJ, no início do evento. Em seguida, a artista agradeceu, parabenizou a Universidade e destacou a importância da educação. "Educação é a nossa única saída. O que o Brasil precisa para melhorar? Educação", pontuou Elza.

O espetáculo começou com "Juízo Final", um clássico de Nelson Cavaquinho que ganhou recentemente um clipe animado oficial no canal do Youtube da cantora. Com um repertório mesclando canções de seus discos mais recentes, como "Mulher do fim do mundo", e músicas de outros artistas que se eternizaram na sua voz, como "O Meu Guri", de Chico Buarque, a apresentação de Elza foi dotada de sua característica presença política. "É gente, o tempo não para, mas a Terra teve que parar. Nós vamos superar essa pandemia, mas pra isso precisamos de muita união", disse após cantar a famosa canção de Cazuza.

Os 90 anos de Elza Soares são carregados de luta e superação. Para além do talento musical, a força da sua carreira



sempre esteve em refletir as questões sociais que a artista viveu na pele. "Mulher, chega de sofrer calada. A violência cresceu nessa pandemia. Horrível. Ligue e denuncie qualquer violência", lembrou Elza após cantar "Maria da Vila Matilde", uma canção emblemática sobre violência doméstica. "Não queremos mais ver mulheres agredidas, como aconteceu em

São Paulo, com uma mulher negra com botas em seu pescoço, tirando seu ar. Que absurdo, gente", criticou.

Contando com mais de 700 espectadores ao vivo, o show de conclusão do primeiro dia de Festival do Conhecimento foi uma linda homenagem à cultura. Em menos de uma hora de apresentação, a "mulher do fim do mundo" deixou seu

recado para estes tempos de pandemia, evidenciando o porquê desse apelido. Elza Soares tocou em pontos cruciais à contemporaneidade e, apesar da idade, encantou com a sua voz. "Adorei essa noite com vocês. Parabéns à Universidade Federal do Rio de Janeiro por esse evento gratuito e pelos 100 anos. Que venham outros mais", finalizou

AULA DE MÚSICA COM MORELENBAUM

SILVANA SÁ

silvana@adufrj.org.br

Um dia depois da emocionante apresentação de Elza Soares, a UFRJ recebeu o violoncelista, arranjador, diretor e produtor musical Jaques Morelenbaum. O bate-papo foi realizado pelo professor de violoncelo da Escola de Música, Jorge Ranevsky, o lura, também importante nome

da música popular brasileira.

Morelenbaum, que foi estudante da Escola de Música da UFRJ, relembrou o início de sua carreira, as principais conquistas na área e contou curiosidades sobre sua trajetória na música. Em 1966, ele venceu o Emmy com o álbum Antonio Brasileiro, ao lado de Tom Jobim. Em 1998, compôs a trilha sonora do filme Central do

Brasil. A obra ganhou o prêmio Sharp de melhor trilha para o cinema.

Sua história, contou, está intimamente relacionada à arte e à UFRJ. Seu pai, o maestro Henrique Morelenbaum, é professor aposentado da Escola de Música. "Eu nasci numa casa de músicos. Além do meu pai, professor, minha mãe também é formada, em piano, pela Es-

cola de Música da UFRJ. Minha inserção na música é anterior às palavras. Vem desde o ventre materno".

Estudou piano e ainda criança acompanhava o pai na Orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Aos 12 anos, decidiu estudar violoncelo. "De lá para cá já são 54 anos de convivência com esse instrumento, de grandes trocas".

As principais influências, ele destaca, para sua carreira são os também violoncelistas Heitor Villa Lobos, Rogério Duprat

e Mário Tavares. "São nomes que representam grande importância na nossa formação", reverenciou.

O músico compôs e fez arranjos de álbuns e shows de renomados artistas como Tom Jobim, Gal Costa e Caetano Veloso. Fina Estampa, álbum de Caetano, de 1994, é um marco para a sua carreira. "Foi um trabalho muito posterior ao meu início como arranjador, mas tenho um carinho grande por este álbum, o repertório é muito especial".

SHOW INTIMISTA DA CANTORA ILLY UNE GERAÇÕES DA MPB

A cantora baiana Illy foi uma das convidadas do Festival do Conhecimento da UFRJ. A artista apresentou um repertório de canções consagradas de Elis Regina e canções autorais, como Afrouxa. Illy tem 32 anos e é uma das mais recentes revelações da MPB. O show exclusivo para o festival da universidade durou 30 minutos e apresentou ao público dez músicas. Illy faz parte de uma família consagrada na música brasileira. É casada com o jornalista Jorginho Velloso, sobrinho-neto de Caetano Veloso e Maria Bethânia.